

JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

ASSIGNATURAS

| | |
|--|----------|
| Em Ovar, semestre | 500 réis |
| Com estampilha | 600 » |
| Fóra do reino accresce o porte do correio avulso | 20 » |

DIRECTOR E PROPRIETARIO

AUGUSTO DA COSTA E PINHO

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**
Rua de S. Christim, 18 a 28 — PORTO

PUBLICAÇÕES

| | |
|---|--|
| No corpo do jornal | 60 rs. cada linha |
| Annuncios e comunicados | 50 » » » |
| Repetições | 25 » » » |
| Annuncios permanentes, contracto especial | 25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes |

Crises economicas

IV

Contra a opinião corrente e irreflectida, que julga as crises economicas um effeito do estado politico, vê-se, quando bem estudadas nas suas causas complexas e nas diversas circumstancias, em que se manifestam, que são indifferentes á má ou boa situação dos governos.

Note-se, que a volta das crises é mui frequente, e por assim dizermos, quasi periodica, e sempre em seguida a um desenvolvimento extraordinario de producção, ou quando o abuso do credito faz accumular os productos em quantidade superior ao consumo—ou ainda, quando a producção é difficil, e falta de um lado a mercaderia trocavel: as transacções paralytam,—o que faz lançar no mercado muitos titulos ao mesmo tempo, e obriga a pedir o reembolso aos estabelecimentos de credito, e d'ahi a baixa dos fundos, as fallencias, e os embaraços dos bancos—só depois de uma liquidacão forçada e desfavoravel é que se restabelece a ordem regular do commercio.

Quanto mais fôr o commercio fundado n'um credito ficticio, mais iminentes estão as crises—quando as transacções se não realisam, quando as compras diminuem por qualquer motivo, ou a producção se torna superior ao consumo, denunciam-se as crises, que nenhum facto politico indica, nem occasiona, e denunciam-se, quando menos se esperam, quando tudo parece rever a prosperidade.

V

Em 1804 a crise em França manifesta-se depois da paz d'Amiens, e não durante as luctas anteriores.

Em 1810 apesar da colligação da Europa contra a França os 5 % tinham subido, as guerras d'Austria, Prussia, e Hespanha nada influiram.

O mesmo succede com a crise de 1818 a 1825—os desastres de 1813 e 1814 passaram sem a provocarem—

A que veio a coincidir com 1830 continua depois de restabelecida a ordem.

Em 1846 os accionistas do banco de França receberam um dividendo de 159 francos, o mais elevado, que até então houve.

Em 1847 em que a monarchia Julho começou a agonisar sob esse dividendo a 177.

Em 1859 foi de 107—e aqui se vê, que diminuiu n'uma epocha sem agitação politica.

A guerra sobreveiu, e o dividendo sobe a 111.

Chega a invasão prussiana com o seu cortejo de desgraças, e o dividendo de 1871 é de 300 francos e o de 1872 de 320.

A França regenera-se, e socega—e o dividendo em 1878 não passa de 95.

Estes algarismos provam bem o que affirmamos.

VI

Em conclusão menos politica, e mais economia—menos verbosidade e mais accção. E' preciso ani-

mar a producção por todos os modos directos e indirectos, porque entre nós não são os productos, que abundam, visto ser-nos desfavoravel a balança de commercio—é evidente o desequilibrio nas finanças do paiz, segundo a frase de Funk-Brentano.

Tanto alvoreço por causa d'uma *dictadura amena*, e tanto descuido e indifferenças acerca das questões importantes, de que os governos e os parlamentos s'esquecem!

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

LITTERATURA

A Visão dos Tempos e as Modernas Idéas do Sr. Theophilo.

XXXV

Conservo o mesmo titulo a estes artigos, pois que estou preparando o espirito dos que os lerem a avaliarem devidamente o sr. Theophilo como vate na *Visão dos Tempos* e critico nas *Idéas Modernas* sem que lhes importem as homenagens, as lisonjas, d'agora, tão exageradas, que o ridicularisam, e deviam envergonhal-o.

O severo mas justissimo conceito do sr. Cunha Seixas, sobre a *Historia Universal* bem o expressam as transcripções, que fiz, escuso de continual-as, comtudo voltarei ao mesmo assumpto.

Sobre o sr. Theophilo, como critico do nosso primeiro historiador traslado hoje do livro — *Alexandre Herculano e o seu Tempo* — o juizo do sr. Antonio de Serpa.

Logo no prefacio nos diz o auctor—«vai grande distancia de Littré a alguns dos seus discipulos e imitadores, pedantes de uma nova escolastica, que cuidam possuir a verdadeira sciencia, porque da escola aprenderam apenas a phraseologia e se persuadem, que resolvem todas as questões com o emprego de *termos extravagantes e semi-barbaros*».

E' ao sr. Theophilo Braga, a quem se refere.

Depois de escripto o presente estudo, lemos na *Historia do romantismo em Portugal* do sr. Theophilo Braga a parte que se refere a Alexandre Herculano, e que occupa quasi metade d'aquella obra. Já tinhamos anteriormente noticia d'esta publicação, e de que ella era ou parecia destinada a demolir a reputação da maior gloria portugueza d'este seculo. Mas de proposito a não quizemos ler antes de concluido este estudo, porque, se o houveramos feito, seriamos natural e quasi inconscientemente levados a escrever uma obra de polemica, o que não era o nosso fim. Não podemos comtudo eximir-nos de addicionar algumas notas ao presente trabalho, a fim de contestar alguns pontos de facto que julgamos menos exactos e algumas apreciações que se nos afiguram injustissimas na obra do erudito e abundante escriptor. E começaremos aqui por fazer algumas leves con-

siderações geraes sobre este seu notavel escripto.

Começa o auctor da *Historia do romantismo em Portugal*, na parte relativa a Herculano, por affectar uma certa imparcialidade, e faz-lhe até, n'um só ponto, justiça completa, considerando-o como um grande poeta¹. Mas bem depressa, esquecido de que é tempo de considerar a obra de Herculano, *sem paixões nem virulencias de combate*², o juizo critico acerca dos escriptos de Herculano degenera n'uma longa e fastidiosa diatribe, cheia de demonstrações, de repetições e tambem de contradicções, que parece não revelarem outro fim senão o de amesquinhar e denegrir os talentos do escriptor e o caracter do homem: diluir durante longas paginas, com o aparato de demonstrações scientificas, e repisando constantemente as mesmas idéas, em estylo monotono e confuso, a analyse e a confrontação dos actos e das palavras de um grande escriptor, para concluir que elle foi um talento inferior e mediocre, sendo necessario muitas vezes para chegar a este resultado forçar inteiramente a interpretação dos factos, como teremos occasião de mostrar em algumas das notas subsequentes, é um espectáculo que provoca outro sentimento que não o da admiração.

Por outro lado, abalançando-se, com a temeridade do costume, a tratar assumptos da maxima importancia sem a conveniente preparação de conhecimentos scientificos e de erudição nas materias de que ia occupar-se, fazia, e ainda faz infelizmente, syntheses temerarias, e applicava a torto e a direito as theorias dos grandes auctores sem o devido criterio, e ás vezes fora de proposito, a factos e a epochas a que não podiam applicar-se sem a correcção devida á diversidade d'esses factos e d'essas epochas. Herculano leu provavelmente alguns d'esses escriptos, viu ali a censura das suas doutrinas ou das suas obras, e revoltado o seu orgulo de escriptor contra a audacia do censor, que com tão fracas armas e tão extraordinaria jactancia ousára combatel-o de frente, desfechou contra elle, n'uma publicação sem importancia, n'um almanach, (Almanach das senhoras para 1874 um artigo humoristico, cheio de galhofas e de sarcasmo, que era uma satyra pungente aos erros historicos e ás apreciações extravagantes e pretenciosas do joven escriptor. *Inde ira*.

A *Historia do romantismo*, na parte relativa a Herculano, é uma represalia.

Uma prova, entre muitas, do quanto a paixão, a opinião antecipada, o *parti pris*, podem perturbar a sã rasão e o juizo claro, encontra-se no seguinte trecho da *Historia do romantismo*:

«Comprehende-se que, nas luctas politicas da França em que o passado reagia pela Restauração contra os principios de 1789 que se expandiam na sociedade moderna, Agostinho Thierry se lance ao estudo da historia como a um campo de batalha, para sustentar que a democracia de hoje era nascida d'essas classes servas que

(1) *Historia do romantismo em Portugal* pag. 245.

(2) *Ibidem*, pag. 220.

lutaram contra os barões feudaes. E' assim que se acha vida na historia, que se reconstrue o passado. Como é que Herculano podia comprehender a vida politica de um povo atrophiado pelo catholicismo, se elle era um christão fervoroso e poetico? Como julgar a instituição da realza, que atacou as garantias locaes foraleiras, se elle era sinceramente monarchico?»

Quem lesse este trecho em que se contrapõe a Alexandre Herculano, incapaz de escrever a historia por ser christão e monarchico, o historiador Agostinho Thierry, deveria julgar que o grande historiador francez era anti-christão e anti-monarchico; e todavia ninguém ignora que elle não era uma nem outra cousa. Thierry era christão e monarchico, e cremos que muito mais monarchico do que Herculano. No capitulo 3.º temos occasião de notar n'este ponto a differença de tendencias dos dois escriptores, avaliando um a obra politica de D. João II de Portugal e outro a obra quasi identica de Luiz XI de França; e se esta avaliação se toma como base para firmar o criterio das opiniões politicas de cada um d'elles, achariamos Thierry muito mais monarchico do que Herculano. O sr. Theophilo Braga, que pela *indisciplina* do seu estylo e da sua dialectica volta sempre a dizer o que já tinha dito, não se farta de repetir que a Herculano faltava a *disciplina filosofica*. O que de certo lhe não faltava era a disciplina moral, e é por causa d'essa disciplina que elle, aborrecendo a injustiça, condemna todas as tyrannias. D. João II abateu o poder da nobreza, e n'isto fez obra democratica; mas fortaleceu o absolutismo monarchico, não deixou de ser um tyranno, e Herculano não lhe perdôa.

O auctor da *Historia do romantismo de Portugal* acompanha os actos todos da vida de Herculano, do escriptor e do homem, com a sua critica aggressiva e deprimente até o dia da sua morte, e d'essa propria morte lhe attribue a culpa. «Alexandre Herculano era abstêmio por um falso preceito hygienico, diz o auctor, e d'aqui lhe proveiu a anemia, que o não deixou resistir á pneumonia dupla que o levou á sepultura. E assim lhe succedeu, porque não tinha uns leves conhecimentos das leis geraes de biologia». E tudo isto vem para terminar com a seguinte moralidade: «Não é impunemente que se condemna a sciencia de um seculo, chamando-lhe gongorismo de phrases». Aqui bate o ponto. Aqui se denuncia o *manet alta mente repositum*, a reminiscencia do artigo do almanach, a que acima nos referimos, em que lê o seguinte: «O seculo XVII teve o gongorismo das metaphoras e das imagens: o seculo XIX tem o das formulas scientificas, do pueril, do paradoxal, do inintelligivel».

Alexandre Herculano não condemna a sciencia do seculo, o que seria um grande absurdo, e apesar de sequestrado havia annos da vida litteraria e scientifica não deixava de ler o que se escrevia de novo, e de ter conhecimento do movimento dos espiritos e das sciencias recentissimas, já nascidas depois que elle abandonára a vida das letras. O que Alexandre

condemnava era a falsa sciencia e a falta de criterio e de bom senso que se acoberta com phrases gongoricas, e com puerilidades e paradoxos inintelligiveis com pretensões a grandes verdades scientificas.

A existencia d'este gongorismo ou pedantismo, a que se acolhe a mediocridade contemporanea, é inegavel, e Herculano com a sua costumada sagacidade poz o dedo na ferida.

Na verdade esta ostentação de mau gosto, este gongorismo scientifico, este aparato de formulas, não é a sciencia.

Não vemos a necessidade para se passar por sabio de não cultivar o estylo e desprezar a grammatica, e d'empregar formulas, que muitos não comprehendem. Mau é que uma sciencia nova assim comece—foi assim que a velha escolastica terminou.

(Continúa).

Antonio de Serpa.

METALLOTHERAPIA

I

Consiste a metallotherapia em unir á pelle varios metaes e assim conservar-os até que certos symptomas physicos denunciem qual d'elles se torna activo, e descoberto, que seja este, applico-o tambem interiormente.

E' M. Burcq o promotor d'este novo methodo

Chama-se metal activo aquelle a que é sensivel o doente. Uma sensação de calor, a pelle avermelhando-se e sangrando facilmente, o dão a conhecer: a sensibilidade volta a pouco e pouco aos membros paralyzados, generalisa-se ao cabo de 30 ou 40 minutos, e por ultimo a temperatura augmenta e a força muscular reaparece.

Raras vezes existem dous e muito menos tres metaes influentes. Mas o que é singular, se o doente recobra d'um lado a sensibilidade e o movimento, produzem-se os phenomenos morbidos do lado symetricamente opposto.

Assim ha uma placa anasthetica que sobe d'intensidade á medida que outra promove a accção nervosa muscular.

Esses effeitos negativos notam-se no movimento, na temperatura, na audição, na vista, etc.

Sobre o ouvido foram verificados pelo sr. Gellé, e sobre a vista pelo sr. Landot. O campo visual varia com as diversas côres desde o roxo ao azul; quando a facultade de perceber as côres nos abandona, é a roxa que começa a fugir-nos, e acaba pela azul; e quando volta é a azul a primeira e a roxa a ultima que distinguimos.

Todos os symptomas estão sujeitos a oscillação e intermitencia.

Porém basta collocar um metal neutro sobre o activo para fixar os effeitos desejados: no começo da experiencia, quando todas as placas estão inertes, o metal neutro nada influe, mais tarde, se ha effeitos notaveis, estes permanecem.

O metal activo, se a cura foi incompleta, sendo outra vez applicado sobre a parte que estava affectada, renova a doença. Devem continuar as applicações ainda muito depois que pareça extinta.

II

E' a electricidade que nos explica esta maravilhosa influencia dos metaes; sabe-se que na sua applicação sobre a pelle se desenvolve uma corrente cuja intensidade, posto que diminuta, varia com elles e com os individuos.

Por meio de um galvanometro muito sensível obtem-se um desvio de 3° com o ouro virgem de 12° com o ouro da moeda, e com o cobre de 35° a 40°. Prova sem deixar duvida alguma que é pela electricidade que obram as placas, o facto de se obter o mesmo effeito que as pilhas produzem com as correntes de igual intensidade.

Assim o doente sensível ao ouro reclama uma corrente de 2.° a 3.° outro é unicamente sensível á acção do cobre, isto é a uma corrente de 35.° a 40.°.

Esta circumstancia é capital. Acima ou abaixo d'aquelles graus não ha influencia alguma das correntes.

III

Attribuem alguns os phenomenos electricos á oxidação das placas pelos suores acidos da pelle: mas a acção chimica não parece necessaria, visto que a influencia d'aquellas se conserva ou continua pela sobreposição de metaes neutros, como já dissemos: nem tambem são indispensaveis as correntes porque se obtem da electricidade statica os mesmos effeitos que da dinamica. Desenvolvem-se por simples contacto ou pelo galvanismo, que se empreguem os selenoides, quer os electroimans, a electricidade por qualquer d'estes modos actua com vantagem: quando um falha, vinga outro.

No 1.° basta collocar o doente isolador. No 2.° dá-se ás correntes uma intensidade em relação com os individuos; acima ou abaixo de certos graus tornam-se inactivas. No methodo unipolar é o polo negativo que deve influir no ponto anesthesiado.

Com os selenoides é a parte doente introduzida no interior da espiral.

Com os imans applicam-se as duas extremidades: precisam da força de 15 a 20 kilogrammas e ás vezes não se alcança resultado algum senão de dois ou tres sobrepostos.

O emprego dos imans tende a generalisar-se.

FOLHETIM

NOITES DE CORINTHO

por Debay

Os Serões de Lais

XXIII

No dia immediato dirigiu-se ao Cranio, onde estava Lais que veio ao seu encontro.

—Eu sei, Diogenes, diz-lhe ella, que os teus principios cynicos te prohibem d'habitar uma casa como as nossas; sei que os teus malfeitores destruíram a tua habitação d'Athenas; permite-me que te offereça uma em Corintho. Apresentou-lhe um magnifico tunel em que podia alojar-se mui commodamente.

—D'outra mão recusaria, da tua acceito para dizer bem alto que na cidade de Minerva ha mais caridade n'uma hora da vida de Lais do que em toda a existencia do avaro Demosthenes (obrigava os seus escravos a trabalhos forçados para enriquecer-se; alguns morreram de fadiga); que ha mais generosidade no coração d'uma hetaira do que em toda a vaidosa pessoa de Platão.

—Obrigado meu joven amigo;

IV

A transferencia ou transporte dos phenomenos morbidos não é nem parcial nem progressiva, como succede no uso das placas metalicas; nem tem logar, applicando-se um iman ao lado são e outro ao lado doente: a sensibilidade vae reaparecendo do centro á periferia, em quanto que é á volta dos metaes que ella começa a manifestar-se.

Os imans actuam, como d'ahi se conclue, sobre os orgãos interiores. Observa-se ainda outro facto interessante — é o crusamento da anesthesia por exemplo, se a mão esquerda sustem uma placa de latão sobre o hombro esquerdo insensível, veremos o hombro direito e a mão esquerda passarem á insensibilidade, e em seguida a anesthesia reverter aos membros primeiramente affectados.

Nenhum caso de hemiplegia cerebral havia sido curado pela metallotherapia antes de 1871: então Debove affirmou a cura de muitas paralisias devidas á intoxicação saturnina, á siphilis, e a lesões cerebraes: comtudo o tractamento fóra longo e seguido de uma cephalalgia horrivel.

Mas até a individuos com lesões nos centros nervosos não recusou a metallotherapia os seus milagres.

V

Uma lamina de platina sobre a pelle e outra collocada na bocca produzem uma corrente: das exalações acidas da pelle e do humor alcalino da bocca nascem as duas electricidades, positiva e negativa, assim como do estomago e do figado.

Os nervos fornecem a primeira, os musculos a segunda.

O mar, a nosso ver, influe pela mesma causa no organismo: quando as suas aguas se evaporam, desenvolvem a electricidade positiva, e a solução salina ou acida, que fica no solo, a negativa.

As reacções chimicas da vida vegetal, os liquidos contidos nas hastas, nas fibras, tambem o sangue e os humores dos tendões e das membranas, denunciam movimentos electricos.

A seiva ascendente é electropositiva, a descendente electro-negativa, e chegam a desviar a agulha da bussola quando imana, de 10.° a 15.° e mais ainda.

Existem correntes electricas nos seres organizados, assim como entre estes, o ar, e a terra.

Julgamos que a medicina ainda não tirou os recursos que pode tirar d'esse agente universal, e tão poderoso.

Lourenço d'Almeida a Medeiros.

estou longe de merecer tantos elogios.

—Lais, o louvor e eu somos dois antipodas; digo sempre com sinceridade e algumas vezes rudemente, o que penso. O meu corpo é grosseiro, a palavra caustica, mas o coração é bom, uma alma sensível com maneiras rudes, e julgo haver-te dito a verdade.

Lembra te bem, que, em quanto a Diogenes restar um alento de vida, poderás dispôr d'elle. O reconhecimento que a ti me prende, só se extinguirá com o meu ultimo suspiro.

E na verdade, desde esse dia o cynico completamente se lhe dedicou fornecendo-lhe provas as mais convencentes d'esta affeição.

A biographia de Diogenes é uma preciosa colleção de bons ditos, de respostas sensatas e originaes e de maximas repentinas e a proposito. Mordaz mais que nenhum outro, arrogava-se o direito d'uma franqueza sem limites com todos os homens, não se importando de jerarchias, nem de posições; estendia o uso d'esta prerogativa muito mais que Socrates e mesmo do que os poetas comicos; atacava sempre, sem excepções todo o homem vicioso que se lhe deparava, e tambem dava conselhos e se offerecia como mediador nas contendas; melhor do que os outros conhecia a arte de instruir, gracejando; emfim era o

unico que podia atacar impunemente os preconceitos religiosos dos gregos e as suas superstições; de igual modo ridicularisava os advinhos e os mysterios d'Eleusis. E' para admirar que não tenha sido condemnado pelas suas picantes zombarias a este respeito.

Escarnecia dos que julgavam remir os seus crimes por meio da iniciação, ou por dadas aos sacerdotes.

Eis o que respondia aos que o instavam para iniciar-se assegurando-lhe o primeiro logar nos campos Elysios:

—Como! Milciades, Epaminoudas e Agelisan que não quizeram iniciar-se condemnando-os-iam a ras-tejar-se pelas lamas do Tartaro, emquanto que, um bando de facinorosas e de ladrões iniciados seriam admittidos nos campos Elysios?

Oh!... não, os deuses não são tão injustos.

Diogenes anda sempre descalço, quer pelo gelo, quer pelas aréas ardentes não fuge dos ardores do sol, e nos dias de mais rigoroso inverno abraça as estatuas cobertas de neve. E' assim, diz elle, que o homem deve conseguir um temperamento á prova das intemperies.

Demosthenes havendo entrado n'uma taberna para refrescar-se, e avistando Diogenes escondera-se logo.

CRONICA D'ESMORIZ

Como pelos nossos muitos affazeres não podemos escrever a chronica da Semana passada, os comilões das caldeiradas ficaram radiosos d'alegria e desde logo desata-ram a gritar desalmadamente que... tinhamos de ficar a chuchar no dedo, porque elles, ainda que as meninas dos olhos nos estalassem, não nos convidariam para os seus brodios! Ai sim?

Pois então esperem-lhe pela volta. Aqui lhes promettemos que não mais os largamos e que haremos de fazer-lhes tantas, tantas que para se verem livres de nós e das nossas maças não-de acabar por harmonisar-se e... ceder! Olé!

Para que reconheçam quanto valem as nossas piadinhas, basta que reparem que conseguimos desentocal-os de casa do Zé do Bento, pois nos consta que este reuniu ha dias a sua grey, os seus sucios e lhes fallou desta maneira com lagrimas na garganta: Meus amigos;

Eu não sei se sabeis, que houve um mafarrico qualquer para ahi me dedicou um hymno e que o rapazio já o trautea meos mal pelas ruas e caminhos cá da terra.

Pois ha dias esses demonios vieram aqui para a minha porta e ahi estiveram horas e horas a Zurrar o tal hymno: Ora, se a coisa pega, eu tenho ou de emigrar ou de me recolher a um convento. Como já não estou em idade de seguir qualquer desses expedientes, peço-vos pelas vossas ricas alminhas que modeis de ninho. Tenho saudades de vós e custa-me imenso esta separação (e nesta occasião limpou com a manga da japona duas grossas lagrimas que lhe desciam dos olhos, mas as circumstancias a isto me forçam. Desculpae-me e... adeus.

Ora tomem. Esta já nós lhes pregamos D'ora ávante não mais saborearão os apilardados pitheus que o Zé tão bem sabia preparar e agora só nos resta saber onde é que irão poisar. Vamos pôr a nossa policia em campo e logo que lhes descobrarmos o paradeiro... continuaremos até que os homens se hão de ver forçados a capitular!

Nós sabemos que elles, após aquelle sermão de lagrimas do Zé, juraram que iam vingar-se e castigar quem foi a causa delle, coitado, tanto soffrer; mas vemos nisso apenas um desabafo e mais nada.

E tanto assim que nos consta que o novo ninho foi feito alli para o sul, para nós não sentirmos o cheiro... Eganam-se. A nossa policia é numerosa e sabe operar... Onde quer que se aninhem, nós os descobriremos. Ve-

—Não te escondas, grita-lhe o cynico; não ves que, quanto mais t'escondes, mais te vais internando?

Os gregos costumam perfumar os cabellos; Diogenes que não faz nada como os outros, perfuma os pés. Quando lhe perguntam por que, responde: O cheiro dos perfumes nos pés sobe facilmente ao nariz e aproveita-se com isso; emquanto que o dos cabellos perde-se no ar.

Sendo visto em pleno dia, levando uma de lanterna accessa interrogam-n'o sobre o que o procura.

—Procuo um homem e não o encontro.

Algumas vezes incitado pela fome na estação invernos, pedia esmola á primeira pessoa que encontrava, d'esta forma: —Se já desta esmola concede-me igual favor, e se nunca tiveste essa caridade começa por mim a ser liberar.

Uma vez vira-n'o a pedir a uma estatua e quizeram saber a razão: E' para me acostumar á recusa.

Platão definira o homem um animal de dois pés; sem pennas. Diogenes depenna um gallo immediatamente e se dirige á academia onde Platão discursava a seus discipulos e lh'o arremessa, gritando: Aqui está o homem de Platão.

Este indignado acrescentou: *mas de grandes unhas.*

Diogenes ria tão alto e irreve-

rente. Mas, com seis centos mafarricos, porque será que elles nos não querem no rancho?

Por ventura foram-lhes dizer que nós somos d'aquelles que só gostam de comer... a cão?

Se foram mentiram-lhes, porque nós não somos d'esses.

Ou dar-se-hia o caso de os terem prevenido de que, se lá fossemos, viriamos para aqui assoalhar o que lá se passasse? Quer dizer que eramos dos que costumam comer a isca e... deixar o anzól? Oh! senhores, calumniaram-nos! Convençam-se de que nos caluniaram. Experimentem e verão!

Vá deixem-se d'esses amuos, d'essas embirradellas e fiquem desde já certos de que, se nos convidarem, iremos á frente d'uma commissão pedir ao Zé do Bento, que de novo abra as portas do seu solar á rapaziada alegre. Vamos meus senhores, cedam.

Zé Petinga.

Chronica d'um vagabundo

6 de Maio de 1907

Há 86 annos que feneceu ao sopro da morte, como um robe derrubado pelo tufão destruidor, o homem extraordinario que assombrou o seculo passado.

Como tudo passa n'este planeta!

A gloria, o poder, as riquezas, todas essas ninharias esmagadas pela zombaria dos annos.

Porque é que lhes venho fallar de Napoleão Bonaparte?

Como venho apresentar em publico o nome d'esse colosso deante de quem tremeram os thronos mais solidos?

Por razão alguma teria o trabalho de o lembrar n'esta terra privilegiada pela natureza, que esteve prestes a ser devorada pelos seus mastins, se um futil motivo não me determinasse a isso.

Ao lançar a vista, como de costume, para um calendario, deparei-me o acaso a commemoração da data da sua morte.

E resolvi cavaquear um pouco sobre o homem...

Que isto não é uma lição de historia.

Mas tão sómente umas considerações, ao correr da pena, sobre aquelle que julgará subverter no ambito das suas ambições esta nossa querida patria.

Dia carrancudo... As trovoadas de maio alliam-se aos aguaceiros de fevereiro.

Nuvens pesadas e sombrias estendem sobre a terra um longo

veu negro, como se a natureza vestisse de luto.

Quando o granizo estalava sobre a terra, arrojado por assustadoras rajadas, parecia-me assistir a uma batalha tremenda em que vomitavam metralha milhares de boccas de bronze, e no meio da qual elle, impavido, ganhava as boas graças da victoria.

Era o genio do mal!...

Quantas lagrimas regaram os olhos dos que viram a luz do dia n'essa Europa convulsionada!

Quantos gemidos soltaram familias desoladas!

Quantos lutos e crepes cobriram corações, creados para serem felizes!

Milhares e milhares de soldados que accorriam ao seu commando, arrojando-se á conquista da gloria pela carnificina, como leões, tendo nos labios um grito fremente de amor e admirações: Viva o Imperador!

Centenas e centenas d'elles que o seguiam, ainda apaixonados na desgraça, curvados perante aquelle homem que tinha o condão de os fascinar!

A ambição desenfreada, o amor proprio stulto, foram a causa das perturbações europeas.

E elle, que queria vêr a seus pés o mundo, como se fosse um Deus, veio a cair tão fundo quanto elevada era a sua posição.

Mas que delirio na sua volta a Paris!

Esses bravos dos bravos que o conheceram, depozeram as armas que os obrigaram a empunhar contra elle, e n'um amplexo moral entregaram-lhe todas as suas forças.

Era ainda a influencia do homem!

Era a magica potencia que empolgava os animos sem se comprehender sequer porque!

Era o genio do mal!

Mas tanto bem que fez...

Quantas miserias não protegeu o seu coração magnanimo!

Quando distribuia condecorações nos campos da batalha, estreitando ao peito os velhos soldados os olhos razos de lagrimas era mais sublime do que n'um theatro d'operações desenrolando planos de combate...

Guindou aos mais elevados cargos tanta gente humilde!

Mereceu-lhe especial attenção a familia, tratando-a sempre com imperial bondade, que já vinha de longe quando em Paris arrastava a vida de official subalterno d'uma Guarnição, o que lhe dava alguma mediania.

E ei-lo mais tarde a braços com a adversidade, rodeado dos seus amigos, sentindo fanar-se para sempre a estrella carinhosa que o guiara na sua carreira triumphal!

reaciosamente que os discipulos do grande philosopho o expulsaram dos jardins d'Academia.

Um sophista querendo experimentar a subtilidade do espirito de Diogenes, disse-lhe: Tu não és o que eu sou; eu sou um homem, e por consequencia tu não és; O cynico responde: —O que vens de dizer-me prova-me claramente que és um tolo inutil.

—Que pensas de Socrates? lhe perguntou um iniciado d'Eleusis:

—Socrates a luz da razão e tu a sombra do fanatismo.

D'onde és? o interroga um sophista:

—Sou cidadão do mundo; querendo provar que os verdadeiros sabios não tinham patria, e consideravam todos os homens seus irmãos. Palavras sublimes falsamente attribuidas a Platão.

Porque te chamam o cão?

—Porque elogio os bons, ladro aos avaros e mordo os maus.

Um individuo mandara-lhe pedir um manto que pretendia haver-lhe emprestado; e eis a sua resposta:

—Se m'o deste, pertence-me; se m'o emprestaste, ainda me é preciso, espera até que d'elle me não utilise.

Percebendo uns ratos que venham comer as migalhas cahidas:

—Até Diogenes tem parasitas! (Continúa).

Clara Miranda.

E elle que com uma phrase electrisava um exercito: elle que atirou á face da terra com o nobre exemplo do que pode uma força de vontade energica, abalancando-se ás mais arrojadadas empregas, veio parar a uma isolada ilha prisioneiro dos mesmos que foram os seus maiores inimigos!

E para longe de seu carcere a França, o seu imperio, o seu sonho de Gloria, tudo o que julgára legar a seu filho!

O espinho mais doloroso no captivo, que mais lhe dilacerou a alma foi a lembrança de que essa creança, o pequeno rei de Roma não herdaria o imperio, construido com a argamassa de tantas batalhas!

Como tudo passa n'este planeta!

Ha 86 annos que elle morreu, e só nos lembramos d'elle porque um calendario nos aviva a sua memoria!

Ainda que inimigo de Portugal, que quizera retalhar, ha-de ser sempre para nós e para todos, o homem extraordinario que elogiou com palavras inolvidaveis a brava legião portugueza que o secundou em batalhas memoraveis.

E não ha-de morrer atravez dos seculos, na memoria das gerações, aquelle que fez a travessia dos Alpes, como um furacão como a aguia empenhada em topetar as nuvens.

(Onhip)

A' GANDAIA

As justicas da Povoia do Lanhoso desterraram para Ovar um pobre homem, accusado do crime, não sabemos se de embriaguez.

Esse homem já ali está, a cumprir a pena de desterro em que foi condemnado.

Não podemos dizer se o desterrado fez a viagem a pé, ou em caminho de ferro. O certo é que o homem já chegou a Ovar, tendo feito a sua apresentação á auctoridade competente.

Até aqui, está bem.

Mas agora pergunto eu: as justicas da Povoia do Lanhoso ao proferirem sentença condemnatoria, procuraram saber se o homem que se sentava no banco de réo, tinha recursos com que podesse viver na terra do desterro? Perguntaram, por ventura, a esse miseravel se nos rôtos e nojentos bolsos lhe pesava alguma moeda por mais pequena que fosse? Não.

A justiça é cega—dizem.

E abrindo o Codigo Penal, soletra o artigo, e condemna esse desgraçado em seis mezes de desterro que tem de cumprir na comarca de Ovar, e diz-lhe:

Vai para o desterro, vai cumprir a sentença.

Ninguem lhe perguntou se esse vagabundo tinha fome, ninguem quiz saber se elle tinha dinheiro. Arremessaram-n'o para fóra da terra, como quem expulsa um ente perigoso, e enviaram-n'o para Ovar—como amostra sem valor.

Tinham rasão as justicas da Povoia do Lanhoso. O desterrado não merecia a honra de vir registado. E não tinha o direito de exigir essa delicadesa porque elle é um desprotegido da sorte, é um dos innumerados legionarios pertencentes ao exercito dos párias.

Agora, elle ahí anda. Encostado ás paredes, de fato esfarrapado que já não segura os remendos, a bocejar, a bocejar cheio de fome e de tristeza...

Desterraram-n'o para Ovar, afim de se corrigir, e esse homem que a Lei condemnou, longe de se corrigir, andarà por essas ruas, errante, ao frio, á chuva, apostrophando a Lei que o separou do seu lar pobre e que lhe não dá pão!

O! aquelle boajar continuo é um claro symptoma da fome...

Aos cães atira-se-lhes uma códea dura que elles amollecem na bócca, e comem. Aquelle desterrado, se na nossa terra não houver corações compassivos e almas caridosas, nem essa códea se lhe dá. Foi condemnado em nome da Lei, mas essa Lei que o condemnou veja-lhe a subsistencia.

Se esse miseravel puder atravessar o largo periodo de seis mezes em que foi condemnado quando um dia voltar á sua aldeia, e continuar no caminho do vicio e do crime, ninguem o poderá accusar.

Póde roubar e póde matar sem um estremecimento de coração.

Roubar para comer a Lei pune o crime.

Mas haverá lei na consciencia dos homens serios e honestos que condemne um miseravel que commette um crime para matar a fome?

A justiça minhôta mandou-nos um desterrado para aqui se regenerar. Póde ser que se regenere, mas tambem é possivel que, quando para lá voltar, vá mais vicioso do que nunca. Elle por ahí anda, á gandaia, por essas ruas aélm, exposto ao apupo do rapasio endiabrado, e á compaixão dos transeuntes que se condoem com a sorte dos infelizes!

Git-Vaz.

BOLETIM ELEGANTE

Faz annos no dia 23: o sr. José Armindo Ramos, e no dia 25: a menina Maria Emilia Raymundo, filha do sr. José Raymundo, dignissimo sub-chefe fiscal dos impostos, n'este concelho.

NOTICIARIO

Tempo

O tempo continuou chuvoso até quinta feira. As chuvas foram abundantes, chegando os rios a trasbordar e tendo causado alguns prejuizos.

No resto da semana tem feito bom tempo, tendo soprado de tarde as nortadas, a que, eternamente parece estarmos condemnados.

PESCA

No fim da semana houve trabalho de pesca, na costa do Furdouro, sendo o producto insignificante.

CONDE DE AGUEDA

De regresso de Madrid encontra-se já em Lisboa o sr. Conde d'Agueda, antigo deputado da nação.

Moedas falhadas

Por ordem superior foi ordenado que nas recebedorias dos concelhos sejam recebidas todas as moedas falhadas de 500 reis, cujo toque é mudo.

As moedas furadas, embora com o buraco tapado, não podem ser recebidas.

O PREÇO DOS TABACOS

Publicamos em seguida os preços da nova tabella dos tabacos:

O charuto cortado de 10 reis passa a vender-se a 15 reis, O charuto de picar de 10 reis passa a vender-se a 15 reis.

O charuto de picar de 20 reis passa a vender-se a 25 reis.

As cigarrilhas Incriveis, Pachás e Rufinas, augmentaram 5 reis em cada maço.

Os tabacos picados «Hollandez», de 180 rs a 200 rs.; «Americano», de 40 rs.; a 50 rs.; «Perfeição», de 60 rs. a 70 rs.; «Superior», de 60 rs. a 70 rs.; e «Francez», de 70 rs. a 80 rs.

Os cigarros «Almirantes» que se vendiam em maços de 7 a 20 rs., passam a vender-se em maços de 9, a 30 rs.; o «Kentucky» em fio que se vendia em maços de 10 cigarros a 20 rs., passa a vender-se em maços de 12 cigarros a 30 rs.

O rapé que era de 25 o «bote»,

passa a vender-se a 30 rs. e o de 50 rs. a 60 rs.

NOTAS FALSAS

Informam que o Banco de Portugal preveniu o corpo commercial de Lisboa e Porto, de que andam em circulação notas falsas de 5000 reis, da série F. S., n.º 13.853.

Ahi fica o aviso para todos.

EXCURSÃO

E' definitiva a excursão a Coimbra, no dia 7 de Junho.

A partida é ás 5 horas da manhã. Faz parte da excursão a banda dos «Bombeiros Voluntarios».

Os preços são de 10000 reis em 3.ª classe e 10500 em 2.ª.

A subscrição está aberta, em Ovar.

Praça—Arthur Ferreira & Irmão. João Alves Cerqueira, Silva Cerveira, Antonio da Conceição, João Alminha (Barbeiro). R. da Graça—Antonio Dias Martins (Barbeiro) e Pharmacia Silveira. Arruela—Manoel Ravazio; Couteiro Pharmacia Rodrigues; Ponte Nova—Viuvia Balreira e Abilio José da Silva. Vallega—Pharmacias Fructuoso e Camello. Avanca—Manoel Borges da Silva.

Esmoriz—Antonio Pinto Ferreira de Souza.

Pede-se o obsequio de se inscreverem até ao dia 26 do corrente, afim de fechar o contracto com a companhia.

HORARIO DOS COMBOYOS

No proximo numero d'este jornal começará a ser publicado o novo horario dos comboyos que principiou a vigorar em 15 do corrente.

Emigração

Pelo governo civil de Aveiro foram concedidos durante o mez de março ultimo passaportes a 268 emigrantes, 238 varões e 30 fêmeas, destinando-se 257 aos Estados-Unidos do Brazil, 3 á Africa occidental, 5 á Africa oriental e 3 a America do Norte.

Pertenciam 17 ao concelho de Agueda, 12 ao de Albergaria, 20 ao de Anadia, 15 ao de Arouca, 9 ao de Aveiro, 15 ao de Castello de Paiva, 1 ao de Espinho, 13 ao de Estarreja, 35 ao da Feira, 14 ao de Ilhavo, 15 ao de Macieira de Cambra, 36 ao da Mealhada, 21 ao de Oliveira de Azemeis, 23 ao de Oliveira do Bairro, 12 ao de Ovar, 3 ao do Sever do Vouga e 7 ao de Vagos.

VIRGEM DO CARMO

Desejando a commissão promotora da festividade da Senhora do Carmo dar o maior realce á respectiva solemnidade resolveu que a mesma Senhora fosse festejada na Igreja Parochial no dia 4 d'Agosto proximo. Ainda não está elaborado o respectivo programma, no emtanto por informações fidedignas sabemos que a devotada commissão conseguiu dois distinctos oradores para a festividade do Carmo, embora um d'elles, o rev.º P.º Cirne, dig.º Abbade dos Carvalhos, não seja para nós desconhecido. Este orador, tão apreciado entre nós, pregará ao Evangelho da missa solemne, e de tarde no final de vespers teremos ensejo de ouvir pela primeira vez o Ex.º e Rev.º Dr. Manuel Pereira Lopes, meretissimo Secretario do Ex.º Bispo do Porto, que gostosamente accedeu ao convite. Embora desconhecido entre nós, é toda via o ornamento da tribuna sagrada portuense onde a sua palavra suave e eloquente é a admiração do illustrado auditorio que se honra em ouvir sempre o apreciavel orador. Congratulamo-nos por isso

com a presença do illustrado orador na solemnidade da Virgem do Carmo.

S. JOÃO

Os festejos em honra do Santo Precursor realizar-se-hão nos dias 23 e 24 de junho no largo que tem o nome do Santo. A commissão promotora envida todos os esforços para que a solemnidade atinja o esplendor possivel, fazendo-se ouvir no arraial as duas phylarmonicas d'esta villa.

FALTA DE ESPAÇO

Por falta de espaço deixamos de publicar entre outros originaes a noticia da Subscrição tirada na cidade do Pará.

Para o proximo numero a publicaremos.

CLUB DRAMATICO BOA UNIAO

Conforme preannunciámos haverá hoje espectáculo n'este club cumprindo-se o seguinte programma:

1.º Acto

Um viuvo inconsolavel, Margarido

Dois Sachristas

Francisco Margarido
João Oliveira

2.º Acto

Um rapaz apressado

Polidou Monteiro
Anastacio Neves
Simplicio C. Dias

Uma surpresa

3.º Acto

Escravo

Thomaz Oliveira
Augusto Tavares
Alberto Gomes
Julio Abreu

Um alho J. Costa

Este programma pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

O espectáculo principiará ás 8,1/2 da noute.

Escola Movel Agricola

«CONDE DE SUCENA»

EM OVAR

Mappa das lições durante a 18.ª semana, desde 12 a 19 de maio de 1907.

Agricultura—Assumptos explicativas: Conservação e colaração da manteiga. Fabrico do queijo: coalhadura, encenchamento, salga e cura. Arhicultura: terreno, ar, luz, calor, e agua. Viveiros.

Trabalhos práticos realizados: Lavours. Preparação de caldas cupricas e sua applicação em vinha. Collagens e tratamentos de vinhas doentes. Determinação do grande acidez de um azeite. Resposta a diversas consultas agricolas.

ARREMATÇÃO

2.ª publicação

No dia 2 de Junho proximo pelas 10 horas da manhã á porta do Tribunal Judicial d'esta Comarca, sito na praça d'esta villa, e na execução por custas e sellos que o Dr. Delegado move contra Luiz Marques da Silva—Filomena Andreia da Silva, Joaquim Hilario da Silva, solteiro, maiores—Emilia Izabel da Silva e Alcide Jacintho da Silva, menores puberes, todos ausentes em parta incerta na Republica dos Estados Unidos do Brazil, volta pela segunda vez á praça e por metade do valor porque foi pela primeira vez o direito

que os executados tem a quinta parte de uma divida activa de um conto de réis, de que são devedores Joaquim Fernandes da Silva e mulher de Pereira, de São Vicente, constituida por escriptura publica.

Para a praça são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 7 de Maio de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro

O Esclrvão,

Frederico Ernesto Camarinha Abração.

ARREMATÇÃO

2.ª publicação

No dia 2 do proximo mes de Junho, por 10 horas da manhã, á porta do tribunal judicial d'esta comarca, sito na Praça d'esta villa, e na execução de sentença que Celestino Soares d'Almeida, solteiro, maior, proprietario, da rua do Bajunco, d'Ovar, move contra a firma Ramos & C.ª, d'esta mesma villa, se hão-de arrematar e entregar a quem maior laço offerecer sobre o preço das avaliações, e que no acto da praça serão lidos, diferentes objectos de ouro e prata, pertencentes e penhorados á firma executada, e que estarão patentes no dia da arrematação. Para a arrematação são citados quaesquer credores incertos.

Ovar, 6 de Maio de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro

O Escrivão substituto

Amadeu Soares Lopes

Arrematação

1.ª Publicação

No dia 2 do mez de junho proximo, por 10 horas da manhã e á porta do tribunal da comarca, se ha-de proceder á arrematação dos bens seguintes: Uma morada de casas altas, com quintal, poço e mais pertencas, sita na rua do Outeiro, desta villa, allodial avaliada em 650\$000 réis. Metade d'uma terra lavradia sita na Silvella, limites do Carregal, da freguezia d'Ovar, allodial, avaliada, a metade, em 280\$000 réis. Metade d'uma terra lavradia, com cabeceiro de pinhal, sita nas Quintas do Sobral, da freguezia d'Ovar, allodial, avaliada, a metade, em 180\$000 réis. Estes bens vão á praça por deliberação do conselho de familia no inventario orphanologico a que se procede por obito de Agostinho Carvalho dos Santos, da rua do Outeiro, desta villa, para serem arrematados e entregues a quem mais offerecer sobre a avaliação. Pelo presente são citados os credores incertos do inventariado para a praça e deduzirem os seus direitos.

Ovar, 10 de maio de 1907.

Verifiquei a exactidão

O Juiz de Direito,

Ignacio Monteiro.

O Escrivão,

Antonio Augusto Freire de Liz.



ESTAÇÃO FRIORENTA

Um certamen vae haver,
Que decerto dá fiasco,
P'ra que se possa saber,
Qual é o senhor do TASCÓ
Que bom vinho 'stá a vender.

Mas de todo o concorrente,
Que ao concurso ABORDAR,
Diz por ahí toda a gente,
Que nenhum vae ABICHAR
A ponta d'um... prémio, sòmente.

Eu então cá por PIRRAÇA,
Affianço e.. também juro;
Que o LUZIO sempre caça,
Ter o MEU... prémio seguro,
E ao vél-o...ácha-lhe graça

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco

ANTONIO DA SILVA BRANDÃO-O LUZIO

MERCEARIA PINHO & IRMÃO

-LARGO DA PRAÇA-

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento, onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outras marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender
Azeitona d'Elvas a 220 reis o Kilo.
Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

OFFICINA D ESTABELECIMENTO
DE CALÇADO

DE
VICTORINO TAVARES LISBOA

S. João da Madeira

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina, vende, em todos os domingos, na praça da hortalica, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se também de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernente á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá também a esta villa, a caza dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

EXTACTO DO CATALOGO

DAS
Obras á venda no BAZAR FENIANO
DE

ANTONIO DA SILVA SANTOS

264, RUA DO MOUSINHO DA SILVEIRA, 270—PORTO

Edições d'esta casa

| | |
|--|-----|
| Guia dos Namoradores (60 cartas em prosa) | 200 |
| Verdadeira significação dos sonhos | 60 |
| Rei das Montanhas ou a Fada da Fonte de Chrystal | 60 |
| O Castello d'Ouro, ou o Principe encantado | 60 |
| A Gatinha encantada ou os quarenta ladrões | 60 |
| Historia dos dois compadres | 60 |
| Historia do Cura e Sacristão | 60 |
| Historia de Roberto do Diabo (verso) | 66 |
| Historia da Donzella Theodora (verso) | 60 |
| Historia do Barba Azul | 60 |
| Serenatas ao luar | 60 |
| Livro de S. Cypriano | 200 |
| A arte de namorar (prosa) | 60 |
| A Musa dos Namorados (verso) | 60 |
| Gato de Botas | 60 |
| Gata Borralheira | 60 |
| Um abbade em calças pardas | 60 |
| As botas de sete leguas | 60 |
| Historia do Feiticeiro de Bronze | 60 |
| Historia da Massaroca d'Anastacio | 60 |
| Historia de Bernabé Pisa Mansinho | 60 |
| Historia da Princeza Clotilde | 60 |
| O abbade da Ramaldeira | 60 |
| Os amores de Laurinha | 60 |
| O Jardim Infernal | 60 |
| João de Calais (verso) | 60 |
| A Mariquinhas padeira | 60 |
| Carlos Magno (versos) | 60 |
| A Burrinha magica | 60 |
| A B C dos namorados | 60 |
| Princesa Magalona (verso) | 60 |
| Imperatriz Porcina (verso) | 60 |
| Bertoldinho (verso) | 60 |
| A formosa Mathildinha | 60 |
| Historia da encantadora Mercedes | 60 |
| Hirtoria da Princeza Leonor | 60 |
| » do Gaiteiro e a Velha das noses | 60 |
| » das Aventuras d'um Sacristão | 60 |
| » do João das Moças | 60 |
| A martyr da Honra | 60 |
| A filha Maldita | 60 |
| Historia do Conde Redondo | 60 |
| O Fradinho Atiradiço | 60 |
| O Conde de Monterey | 60 |
| Historia de João Urso | 60 |

Envia-se o catalogo gratis a quem o requisitar

Porto—Typ. Peninsular—Rua de S. Chrispim, 18 a 28

TYPOGRAPHIA PENINSULAR

DE

MONTEIRO & GONÇALVES

NUMERO TELEPHONICO, 737

N'esta bem montada officina typographica imprime-se com promptidão, nitidez e por preços excessivamente baratos todo e qualquer trabalho que se diga pertencente a arte typographica, tales como: facturas, mappas, recibos, envelopes, cartões de estabelecimentos, memoranduns, circulares, obras de livros, jornaes diarios e semanaes e desde o simples e modesto cartão de visita a 150 réis o cento e mais preços.

Fazem-se impressões em todas as côres.

Enveloppes desde 1\$200 réis o milheiro

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos

RUA DE S. CHRISPIM, 18 A 28

Com entrada pela Rua dos Mercadores, 171

PORTO.